
(Tele)jornalismo em quadrinhos: um estudo de caso sobre as convergências na série jornalística “Aprisionadas” do “Jornal da Record”¹

Pedro Augusto Silva MIRANDA²

Laura Sanábio Freesz REZENDE³

Vanessa Coutinho MARTINS⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Gênero híbrido reconhecido a partir da década de 1990, o “jornalismo em quadrinhos” ganhou inicialmente as páginas dos jornais e revistas impressas e mais tarde os sites jornalísticos. Em maio de 2021, o “Jornal da Record” (Record TV) apresentou pela primeira vez na televisão brasileira um episódio da série de reportagens “Aprisionadas” criado a partir da linguagem e da técnica do jornalismo em quadrinhos desenvolvida pelo ilustrador e jornalista Alexandre De Maio. A proposta do artigo é analisar as convergências entre o telejornalismo e o jornalismo em quadrinhos presentes na reportagem televisiva. A partir do estudo de caso (YIN, 2015) foi possível detectar novas possibilidades no jornalismo audiovisual com uso da linguagem das HQs.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Jornalismo em quadrinhos; Convergência; Linguagem; Jornal da Record.

Introdução

O jornalismo em quadrinhos é um gênero híbrido que possibilita a criação de novas linguagens dentro do jornalismo. Apesar de suas características serem encontradas em produções anteriores, a nomenclatura “Jornalismo em quadrinhos” passou a ser usada apenas em 1993, com a obra “Palestina⁵”, do jornalista maltês Joe Sacco. As técnicas vêm sendo desenvolvidas de forma diferente no mundo, e no Brasil percebemos um aumento de publicações nos últimos dez anos.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando e mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). É integrante do grupo de pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF) e bolsista de Pós-graduação (PBPG/PROPP/UFJF). E-mail: pedro.miranda@estudante.ufjf.br

³ Mestra em Comunicação e Sociedade pelo Programa de Pós-graduação e Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do grupo de pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF). E-mail: laura.sanabio@gmail.com

⁴ Doutoranda e mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). É integrante do grupo de pesquisa “Narrativas midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF). E-mail: vanessacoutinhomartins@gmail.com

⁵ Reportagem publicada no Brasil pelo jornal “Folha de S. Paulo” na edição do dia 19 de agosto de 2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1908200701.htm>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

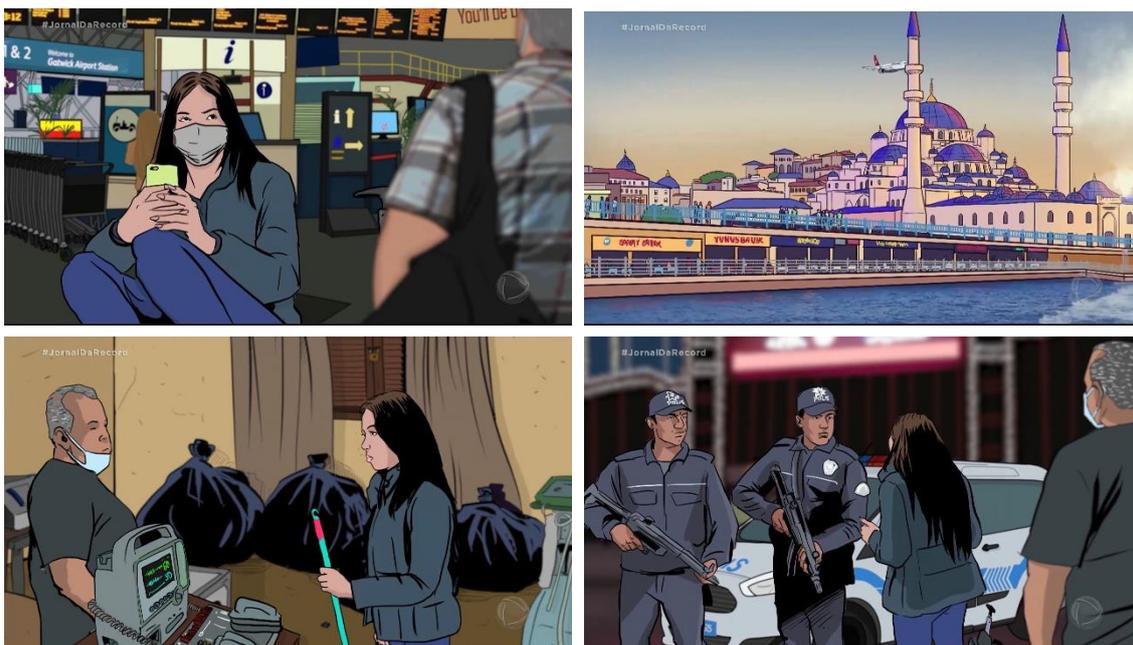
Embora a presença do jornalismo em quadrinhos seja observada desde a década de 1990 nos jornais e revistas impressas e, mais recentemente, em *sites* jornalísticos, o uso dessa forma de representação gráfica como reportagem televisiva ainda era inédito na televisão brasileira, segundo a Record TV (R7, 2021).

No ar desde 1974, o “Jornal da Record” (Record TV) exibe semanalmente em suas edições séries especiais de reportagens sobre diversos temas. A fome, a seca, a educação ambiental, pessoas desaparecidas, ciência e saúde na pandemia e crianças vítimas de abusos foram alguns dos assuntos abordados pelo quadro “Série JR” em 2021.

Dentre essas produções está a série especial de reportagens “Aprisionadas”, exibida na TV aberta de 10 a 13 de maio de 2021 e disponibilizada nas plataformas do “Jornal da Record” na *internet*. As reportagens abordam o drama de familiares e de mulheres vítimas de exploração sexual e do tráfico internacional humano e de órgãos.

Em quatro episódios a série narra a história de brasileiras que conheceram homens de outros países através da *internet* e passaram a se relacionar virtualmente até que decidiram encontrá-los fora do Brasil, sem saber que tratavam-se de suspeitos envolvidos com tráfico humano e de órgãos e com redes de exploração sexual de mulheres. A produção do telejornal destaca o segundo episódio da série pelo uso pioneiro no telejornalismo brasileiro da linguagem e técnica do jornalismo em quadrinhos e das HQs (histórias em quadrinhos) para construir parte da reportagem. (Ver figura 1).

Figura 1 – Trechos da reportagem em quadrinhos do “Jornal da Record”



Fonte: Captura de tela – Jornal da Record / Record TV

Portanto, a partir dessa tentativa do “Jornal da Record”, através da série jornalística “Aprisionadas⁶”, de criar uma nova forma de narrar no jornalismo audiovisual, o presente artigo propõe refletir sobre como o telejornalismo se apropria dos elementos narrativos do jornalismo em quadrinho na construção da reportagem televisiva em quadrinhos. Para a análise faremos um estudo de caso (YIN, 2015) do segundo episódio de “Aprisionadas” com o objetivo de identificar os elementos presentes na reportagem a partir da convergência entre telejornalismo e jornalismo em quadrinhos.

Teoria e um breve histórico do jornalismo em quadrinhos

Os quadrinhos estão presentes no jornalismo brasileiro desde os anos de 1830. As produções dos jornais “O Carcundão”, de 1831, e “O Carapuço”, de 1832, ambos de Recife (VERGUEIRO, 2011. p.42), já traziam trabalhos gráficos em suas publicações. Nas décadas seguintes, surgiram grandes publicações em quadrinhos, como o periódico “Diabo Coxo”, em 1864. A matéria, feita por Ângelo Agostini contou, em oito páginas, quatro de textos e quatro de quadrinhos, como aconteceu o resgate das vítimas de um acidente de trem, que havia descarrilado (VERGUEIRO, 2011. p.43). Apesar de ainda ter circulação cara e restrita, essas produções impulsionam o uso da imagem nos veículos de comunicação.

Não há um consenso sobre qual é o principal marco dos quadrinhos nos jornais, mas algumas obras, como *Yellow Kid*, ganharam destaque mundial (GARCIA, 2012). A história se tornou pública em 1895, desenhada pelo quadrinista Richard Fenton Outcault, em 1895. Os direitos de imagem do personagem principal, que usava um pijama amarelo em todas as cenas, foram disputados judicialmente pelos *New York World* e *New York Journal* nos Estados Unidos. A justiça definiu que ambos poderiam utilizar o *Yellow Kid*, e, para chamar a atenção, os veículos começaram a publicar publicidades e manchetes cada vez mais sensacionalistas, dando origem à expressão “Yellow journalism” (GARCÍA, 2012). No Brasil, ela ficou conhecida no Brasil como “imprensa marrom”.

Em meados de 1930, os gibis se tornaram populares, ganhando espaço nas prateleiras de livrarias e bancas de jornais em diversos países. No Brasil, a explosão dos quadrinhos aconteceu vinte anos depois, com as histórias de super heróis. No final da

⁶ Disponível em: <<https://youtu.be/nbMYt1RfyhQ>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

década, as publicações de quadrinhos biográficos e autobiográficos cresceram, dando origem a grandes clássicos (NECO, 2009), como “Maus”, de Art Spiegelman. A narrativa fala sobre os sobreviventes do Holocausto, dividida em dois momentos: o contato pela visão do pai de Art Spiegelman e outro é contada pelo relato autobiográfico do autor. A série foi compilada em um livro, em 1992, e no mesmo ano conquistou o prêmio Pulitzer em 1992, na categoria Prêmio Especial. “Maus” já evidenciava o encontro entre quadrinhos e jornalismo, mas a expressão “jornalismo em quadrinhos”, com as características que estudamos nos dias de hoje, tornou-se usual apenas em 1993, com a publicação da obra “Palestina”, do jornalista maltês Joe Sacco.

Por ser uma discussão recente, pesquisadores de gêneros jornalísticos como Marques de Melo (1972) e Luiz Beltrão (1985) não citam diretamente o jornalismo em quadrinhos em suas classificações. Entretanto, os dois estudiosos abordaram aspectos das charges, tiras e cartoons, entendendo as obras como gêneros opinativos.

Em pesquisas mais recentes, o jornalismo em quadrinhos passou a ser tratado como um gênero especializado. Guimarães e Silva (2003) afirma que as reportagens e quadrinhos apresentam apuração não-convencional, linguagem própria, e uma hibridização de características de gêneros informativos, opinativos e até mesmo interpretativos. Ainda segundo os autores, “esse novo gênero mantém as mesmas responsabilidades encontradas no jornalismo produzido para qualquer outro veículo de comunicação, ou seja, informar, opinar, interpretar e entreter” (GUIMARÃES & SILVA, 2003, p. 100).

As técnicas narrativas do jornalismo em quadrinhos são diferentes das de outras produções gráficas como os gibis, mas é possível observar semelhanças entre suas linguagens. A teorização sobre o formato dos quadrinhos e sua sintaxe é bastante complexa, e não é o foco do nosso trabalho. Nos interessa investigar os elementos da narração que permitem que o jornalismo em quadrinhos reproduza os fatos respeitando o compromisso ético jornalístico.

O único fator que define uma manifestação em quadrinhos como jornalística é a instauração de uma prática jornalística estabelecida e o intento de construir um produto informativo que se vincule ao real de maneira específica, isto é, que remeta diretamente a um contexto, fato ou conjuntura marcada temporalmente. (NECO, 2009, p.13)

A prática jornalística citada por Neco (2009) é especialmente importante no objeto do nosso trabalho, que é uma reportagem em quadrinhos publicada em um telejornal na

rede brasileira de televisão aberta. É interessante destacar que, nesse caso, há não só uma junção de elementos televisivos como também literários e cinematográficos:

Como uma mídia dotada de linguagem própria, e aqui sempre lembramos as comparações com o cinema e o audiovisual, as HQ's comportam manifestações de qualquer natureza, inclusive jornalística. Sua estrutura extremamente fluída, que dispõe de imagens e texto da maneira que for conveniente, consegue emular boa parte dos gêneros tradicionais do jornalismo impresso ou audiovisual, fazendo inclusive uma hibridização entre o texto corrido e a narrativa puramente visual. (NECO, 2009, p.13)

Essa combinação de texto e narrativa visual faz do jornalismo em quadrinhos um gênero complexo e híbrido, que encontra suporte na arte sequencial. O conceito arte sequencial foi sugerido por Will Eisner (1985) no livro *Comics and Sequential Art*, e faz referência ao encadeamento de imagens em sequência para narrar um fato.

O bastidor e o processo de produção como produtos: a autorreferencialidade no modo de fazer (tele)jornalismo em quadrinhos em multiplataformas

Antes do início da reportagem, o apresentador do “Jornal da Record” Luiz Fara Monteiro afirma: “A série especial de hoje será contada de uma forma inovadora. O jornalista e ilustrador Alexandre De Maio vai retratar, através dos quadrinhos, tudo que a vítima narrou à repórter Thais Furlan”. Ao começar a contar a história que seria desenvolvida na reportagem, a repórter explica que a testemunha havia aceitado dar uma entrevista, mas, por ser um fato traumático recente, ela desistiu do encontro na última hora. Entretanto, a vítima, que não teve sua identidade revelada, deu todos os detalhes sobre o caso através de áudios do WhatsApp. Após dar essas informações, Furlan reforça que a reportagem será contada através das representações gráficas feitas por Alexandre De Maio. Nesse momento, é mostrada uma ilustração com movimento do jornalista e ilustrador De Maio desenhando em uma tela de computador. (Ver figura 2).

Segundo Barthes (1980) essa percepção se torna possível pelo uso do “efeito de real”. Através de referências e efeitos estruturais do texto, esses artifícios produzem uma ilusão do real. Barthes (1980) ainda explica que, para que esse efeito seja possível, é necessária uma interação do real com detalhes “insignificantes”, pois são esses pontos que vão aproximar o leitor do real.

Figura 2 - Alexandre De Maio representado graficamente na reportagem e durante entrevista ao PlayPlus



Fonte: Captura de tela – “Jornal da Record” (Record TV) e “Programa de todos os programas”⁷ (PlayPlus/r7.com).

De Maio, ao ser representado em imagem, exerce um papel importante na construção da memória dos fatos narrados, pois é através do olhar dele que a história será registrada. Sua apresentação como jornalista, além de especialista em ilustração, certifica sua presença no telejornal e o habilita a fazer parte da narração da reportagem. Ao pensarmos nesses momentos, identificamos um processo de atorização, termo de Fausto Neto (2008) que Soster (2015) retoma ao tratar das características do jornalismo midiaticado. Segundo os autores, o fenômeno acontece quando agentes passam a exercer o papel de atores sociais. No caso da comunicação, a atorização se dá quando os jornalistas se incluem como participantes ativos, e não só como mediadores do acontecimento.

Soster (2015) identifica outros quatro pontos no jornalismo midiaticado, que são autorreferência, correferência, descentralização e dialogia. Essa última é a junção da estrutura de diferentes sistemas, de modo que um provoque transformações no outro e vice-versa, ou seja, “É quando o jornalismo, por exemplo, vai buscar na literatura subsídios para estabelecer diferenças, reconfigurando-se nas instâncias de emissão, recepção, circulação e reconhecimento [...]” (SOSTER, 2015, p. 17).

A autorreferência, concebida quando os autores assumem um papel biográfico na narrativa (SOSTER, 2015, p.17), já havia sido abordada por Sodré (2009). Ao expor as transformações que as mídias jornalísticas enfrentam ao se disseminarem para outros meios, Sodré (2009) aponta para um crescimento desse discurso referencial como estratégia nas sociedades midiaticadas. Além da reportagem sobre o tráfico humano e

⁷ Disponível em: <<https://youtu.be/O8uCUciv5Fo?t=193>>. Acesso em: 02 ago.2021

exploração sexual de mulheres exibida no “Jornal da Record” na TV aberta, outros conteúdos extras foram produzidos explicando em profundidade o processo de produção da reportagem em quadrinhos por Alexandre De Maio. Os vídeos com o processo de criação e com entrevistas com De Maio foram distribuídos nas múltiplas plataformas da Record TV como o PlayPlus⁸, serviço de streaming da emissora, e o r7.com⁹, portal de notícias do grupo, dentro do “Programa de todos os programas”.

O terceiro ponto abordado por Soster é a correferência, que pode ser identificada quando elementos textuais fazem referências a outros dispositivos (SOSTER, 2015, p. 17). Essa característica havia sido identificada no jornalismo ainda no século XVII, através das referências a conteúdos de agência de notícias, mas ela foi potencializada no cenário digital (SOSTER, 2015, p. 17).

Os bastidores da produção da reportagem em quadrinhos que estamos analisando foram publicados no serviço de streaming PlayPlus e no portal r7.com, como apontado anteriormente, e, também, na página pessoal de Alexandre De Maio¹⁰ no Instagram, caracterizando o que Soster (2015) chama de descentralização. Ela parte do rompimento com as relações hegemônicas a partir de meios que, anteriormente, estavam “à margem do sistema midiático-comunicacional, [como é o] caso dos blogs e páginas de redes sociais” (SOSTER, 2015, p. 17).

Apesar de Alexandre De Maio não ter sido o responsável por fazer a apuração e as entrevistas que deram origem à reportagem, o seu trabalho como ilustrador-jornalista é fundamental na validação dos registros ao passo que os representa e ressignifica a partir das representações gráficas. A autenticidade dessa estratégia como fortalecedora dos discursos documentais, segundo Muanis (2019), é conferida através do “certificado de fabulação”: “A fabulação se encontra na montagem, na pesquisa, na síntese, na tradução, na busca de uma certa ‘espiritualidade’ do acontecimento e da realidade, em suma, na própria imaginação” (MUANIS, 2019, p.186). O pesquisador ainda evidencia a importância dessa fabulação, da subjetividade e da memória na construção dos enunciados:

⁸ Disponível em: <<https://www.playplus.com/History/Play?m=207953>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

⁹ Disponível em: <<https://youtu.be/O8uCUciv5Fo?t=193>>. Acesso em: 02 ago.2021

¹⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CPF7h2pn5Hu/>> . Acesso em: 05 de agosto de 2021.

Negar as práticas dessas ilustrações como relatos documentais pelo fato de a imagem não ser maquínica ou pela ausência de um certificado de presença é abrir mão, no mínimo, não apenas de uma extensa documentação, mas também do único registro possível de uma época que inventariou hábitos, costumes, utensílios, vestuário, espaços urbanos e acontecimentos. (MUANIS, 2019. p.188)

Coutinho e Musse (2015) ao teorizarem sobre o uso de entrevistas veiculadas nos telejornais, reforçam o caráter de aprofundamento que esses conteúdos apresentam nas narrativas exibidas nesses programas. Ainda, a necessidade de auto expressão do ser humano apresenta um poder “curativo” da palavra e o discurso em primeira pessoa sinaliza um conteúdo revestido de verdade. “Para o jornalista, a entrevista é uma forma fundamental de conhecimento” (COUTINHO; MUSSE, 2015, p. 147).

As autoras seguem afirmando que,

historicamente, a entrevista, como método de aproximação de objeto de estudo ou de apuração da informação não é nova. Na Grécia, os depoimentos já eram utilizados para a construção da história. Na Idade Média, este procedimento também era utilizado. (COUTINHO; MUSSE, *Ibid.*, p. 144).

Ancorando-se em Sarlo (2007), afirmam que, no jornalismo, a construção do passado depende de algum tipo de mediação já que, se ele não foi vivido, sua absorção só acontece através de uma mediação dessa experiência. Para Sarlo (*Ibid.*)

Todos os gêneros testemunhais parecem capazes de dar sentido à experiência. Um movimento de devolução da palavra, de conquista da palavra e de direito à palavra se expande, reduplicado por uma ideologia da ‘cura’ identitária por meio da memória social ou pessoal. (SARLO, 2007, p. 39)

Assim, destacamos a relevância da entrevista da vítima, ainda que concedida através de áudios do WhatsApp, para o telejornal objeto deste artigo para uma reconstrução de caráter realista, em uma espécie de aprofundamento da narrativa. Ressaltamos, ainda, a importância desse tipo de expressão do trauma sofrido pela vítima em um processo de externalização e de denúncia.

Convergências entre o telejornalismo e o jornalismo em quadrinhos - um estudo de caso da série de reportagens “Aprisionadas” do “Jornal da Record”

Ao afirmar, em 1974, que “o meio é a mensagem”, McLuhan coloca em destaque a importância da linguagem de cada meio. Com esse famoso aforismo, ele não estava negando que o conteúdo era a mensagem, mas explicitando a força que cada linguagem tem nos meios.

A linguagem telejornalística, na contemporaneidade, acaba por apresentar fronteiras difusas, que “invadem”/são “invadidas” por outros meios, fazendo uso de distintos recursos na busca diária de noticiar. Assim, há um evidenciamento de seu caráter convergente em um fluxo de conteúdos por múltiplas plataformas e ambientes midiáticos.

A convergência entre o telejornalismo e o jornalismo em quadrinho, apresentado no “Jornal da Record”, foi sintetizada e sistematizada no quadro seguinte (ver tabela 1).

Tabela 1 - Elementos do telejornalismo em quadrinhos

TELEJORNALISMO	JORNALISMO EM QUADRINHOS	(TELE)JORNALISMO EM QUADRINHOS ¹¹
Entrevista (gravada em áudio e/ou vídeo) com microfone/câmera	Balão de fala com rabichos	Entrevista gerada/gravada via áudios do WhatsApp e ilustrações da vítima
<i>Off</i>	Letreiro com a narração da história	Cabeça da matéria, <i>off</i> da repórter, áudios da vítima e outras entrevistas conduzem o desencadeamento de fatos da narrativa
Imagens em movimento gravadas no local para a cobertura da matéria na edição	Ilustrações fixas, quadro a quadro	Ilustrações em movimento
Imagem e áudio dos entrevistados, fontes, se expressando	Onomatopeias e balões com rabichos ¹² .	Ênfase nas expressões corporais nas ilustrações movimentos
Som ambiente e ruídos gravados a partir do microfone	Utilização de onomatopeia para indicar sons e ruídos	Áudio produzido artificialmente (som de disparo de câmera fotográfica, porta abrindo etc.) e inserido durante a edição da reportagem

¹¹ Elementos identificados a partir do estudo de caso (YIN, 2015) do segundo episódio da série jornalística “Aprisionadas” (Jornal da Record/ Record TV) exibida em 11 mai. 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/nbMYt1RfyhQ>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

¹² O rabicho é a “cauda” do balão, que geralmente fica mais perto da boca do personagem que está falando, podendo indicar, também, o tom de voz (SILVA, 2001, p. 2).

Imagens limitadas, geradas a partir da capacidade do equipamento, do posicionamento e dos enquadramentos do repórter cinematográfico	Ilustrações em várias dimensões e perspectivas	Ilustrações em várias dimensões e perspectivas
Tela/arte com gráficos e dados ou repórter e dados/indicadores dividem a cena	Leteiro fixo com dados, indicadores ou integrados à narrativa visual do quadro	Ilustração em movimento acompanhada dos dados como componentes/integrados a cena
Trilha sonora e locução do repórter dão ritmo e tom as matérias	As inserções dos jornalistas são feitas dentro dos letreiros. O ritmo é obtido através do tamanho de cada quadro, dos traços e das expressões dos personagens.	Trilha sonora, paleta de cores, expressões dos personagens nas ilustrações em movimento, e efeitos de “zoom in” e “zoom out” nas representações gráficas marcam o ritmo e o tom na reportagem
Fontes sob sigilo são gravadas apenas com a silhueta do corpo aparente ou o rosto não identificado, geralmente coberto por algum efeito na edição	Rosto das vítimas é representado graficamente pelo ilustrador. Os jornalistas, geralmente, são representados de forma semelhante à aparência “real”. Quando há necessidade de preservação das fontes, os rostos são trocados nessa representação gráfica.	Rosto das vítimas é representado graficamente pelo jornalista/ilustrador Alexandre De Maio, as ilustrações têm expressão, profundidade e movimento.

Fonte: Elaborada pelos autores

A metodologia empregada neste artigo é o Estudo de Caso (YIN, 2015), em que o foco se encontra em fenômenos contemporâneos. Logo, este estudo possui caráter qualitativo. Um dos pontos de partida para a análise dos dados propostos por Yin (2015) é com base em uma estratégia analítica. Sua finalidade é fazer uma conexão entre os dados do estudo e conceitos de interesse do pesquisador para que o mesmo seja capaz de obter uma orientação na análise. A estratégia escolhida para esta pesquisa é a de “base em proposições teóricas”.

Arelada a essa estratégia, utilizamos a técnica de “construção e explicação”, que, como o próprio nome infere, prevê uma análise dos dados construindo uma explicação

sobre o caso. “Explicar um fenômeno é estipular um conjunto presumido de elos causais sobre ele, ou ‘como’ ou ‘por que’ algo aconteceu.” (YIN, 2015, p. 152).

Como apresentado na tabela, a hibridização entre as linguagem quadrinística e a usualmente empregada no telejornalismo ocorre de forma simétrica, adaptada aos moldes e características do suporte de veiculação da informação. Os balões de fala, por exemplo, marca do formato de HQ’s, são substituídos pelo áudio da vítima enviado pelo WhatsApp e pela narração da repórter - marca de narrativas telejornalísticas.

Ainda, no quesito narração, os letreiros, utilizados com essa finalidade nos quadrinhos, são substituídos pelo *off* da repórter. Com a função de substituir a fala do autor do conteúdo, esse elemento aparenta ser desnecessário, já que o meio em que o objeto analisado foi veiculado permite a verbalização dos fatos.

As onomatopeias - recurso utilizado através de fonemas para a reprodução aproximada de um som - são inexistentes. Ao invés disso, a reportagem, em formato de vídeo, apresenta a inserção de efeitos sonoros. Assim, o conteúdo apresenta áudios produzidos artificialmente, como sons de disparo de câmera fotográfica e portas batendo.

Além disso, a animação garante que os quadrinhos, estáticos por natureza, ofereçam veracidade por meio de *background* em movimento e expressões corporais. Com ilustrações em várias dimensões e perspectivas, o (tele)jornalismo em quadrinhos apresenta configurações que acabam extrapolando as limitações do telejornalismo, na medida em que este último se restringe às imagens que dependem da capacidade dos equipamentos e do posicionamento do repórter cinematográfico.

As ilustrações em movimento, característica do objeto analisado, são acompanhadas por dados que acabam por compor a cena de uma forma integrada e, conseqüentemente, o produto final. Diferentemente da estruturação telejornalística, em que a arte gráfica e/ou tela divide espaço com o repórter ou cena na composição.

O tom e o ritmo da matéria, que no telejornalismo é assegurado pela trilha sonora e locução do repórter, é definido no jornalismo em quadrinhos através do tamanho de cada quadro, traços e expressões dos personagens. Já no (tele)jornalismo em quadrinhos, tanto a trilha sonora quanto as representações gráficas cumprem esse papel. Além disso, a paleta de cores e movimentos como “*zoom in*” e “*zoom out*” compõem a cena nesse quesito.

Por fim, no telejornalismo, o sigilo da fonte é assegurado por meio de gravação que evidencia apenas sua silhueta ou rosto coberto por algum efeito na edição. Por outro lado, nos quadrinhos, os rostos das vítimas são representados pelo ilustrador que, verificando a necessidade de preservação da fonte, altera sua representação gráfica. O jornalista é geralmente representado de forma semelhante à sua real aparência. A constituição no (tele)jornalismo em quadrinhos, nesse quesito, segue a lógica da representação gráfica do ilustrador que, no objeto analisado, trata-se de Alexandre De Maio. Como mencionado anteriormente, as ilustrações possuem profundidade e movimento, o que compõe esse quesito específico.

Considerações finais

Surgido na década de 1990 o jornalismo em quadrinhos dos jornais e revistas impressas é gênero híbrido que apresenta muitas possibilidades narrativas ao jornalismo. Em maio de 2021, o “Jornal da Record” (Record TV) exibiu de forma inédita a primeira reportagem televisiva em quadrinhos. Produto que marca a convergência entre o telejornalismo e o jornalismo em quadrinhos.

A partir de um estudo de caso do segundo episódio da série jornalística “Aprisionadas” detectamos algumas possibilidades em termos de linguagem para o jornalismo audiovisual. Além da remediação (CANAVILHAS, 2012) de elementos tanto do telejornalismo como do jornalismo em quadrinhos, como as imagens e ilustrações em movimento, a análise indica novos elementos que tornam a narrativa telejornalística mais rica e atraente em alguns casos, como no uso de áudios de WhatsApp cobertos pela representação gráfica em movimento da entrevistada.

Certamente a reportagem em quadrinhos a partir uso das técnicas e linguagens do jornalismo em quadrinhos e das HQs aportam no que Coutinho (2012) apresenta como a “dramaturgia no telejornalismo”, sobretudo, com a espetacularização e a representação gráfica de cenários, detalhes no ambiente, cidades e personagens na reportagem analisada.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. 1 ed. São Paulo: Com-Arte, 1985.
- CANAVILHAS, João. **Da remediação à convergência: um olhar sobre os media portugueses**. Brazilian Journalism Research (BJR). São Paulo, v. 8, n. 1, p. 7-21, jun. 2012. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/369/362>>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia no telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão em Juiz de Fora-MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- COUTINHO, Iluska; MUSSE, Christina. A redescoberta do diálogo no telejornalismo: os usos da entrevista como possibilidade de inclusão e aprofundamento das narrativas nas emissoras públicas. In: COUTINHO, Iluska; BRANDÃO, Cristina; AMERICANO, Álvaro Eduardo Trigueiro; LEAL, Paulo Roberto Figueira; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Comunicação e narrativas audiovisuais**. Florianópolis: Insular, 2015.
- EISNER, Will. **Comics and Sequential Art**. Estados Unidos, 1985.
- GARCIA, Santiago. **A Novela Gráfica**. São Paulo. Martins Fontes, 2012.
- GUIMARÃES, R.; SILVA, F. **Jornalismo em quadrinhos: uma análise do uso da nona arte como suporte para a narrativa jornalística**. Brasília: UnB, 2003.
- MARQUES DE MELO, José. **Estudos de Jornalismo Comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Cultrix: São Paulo, 1996.
- MUANIS, Felipe. **Autenticidade, presença e fabulação na ilustração e nos quadrinhos documentais**. Todas as Letras. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 174-190, jan./abr. 2019. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/11696>>. Acesso em: 03 de ago. de 2021.
- NECO, J. A linguagem dos quadrinhos e o jornalismo. In: **X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Blumenau, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-1227-1.pdf>>. Acesso em: 30 de jul. de 2021.
- NETO, Antônio Fausto. **Fragments de uma analítica da midiatização**. Matrizes, nº 2, abr. 2008. São Paulo, Brasil, p. 89-105.
- R7, 2021. **Jornal da Record inova e apresenta reportagem em HQ**. Disponível em: <<https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/jornal-da-record-inova-e-apresenta-reportagem-em-hq-07052021>>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SILVA, Nadilson. **Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos**. Campo Grande: Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, 2001.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

SOSTER, D. **Dialogia e atorização: características do jornalismo midiático**. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v. 5, n. 16, p. 4-20, jan./jun. 2015.

VERGUEIRO, V. **O humor gráfico no Brasil pela obra de três artistas: Ângelo Agostini, J. Carlos e Henfil**. Revista USP, São Paulo, n.88, p. 38-49, dezembro/fevereiro 2010-2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13850>>. Acesso em: 31 de jul. 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.